

VISÃO DO CORREIO

Vírus do medo e da desigualdade

Passado pouco mais de uma semana da descoberta da ômicron, o mundo vive uma pandemia de contradições sobre a nova cepa de coronavírus. O tsunami de medo que varreu o planeta chegou ao ápice na última sexta-feira de novembro, logo depois de o executivo-chefe da farmacêutica Moderna, Stéphane Bancel, declarar que as vacinas contra a covid-19 seriam menos eficazes no combate à nova variante. O resultado foi o derretimento de ativos nas principais bolsas de valores do planeta. E a pressa com que Brasil, Estados Unidos, Canadá, Israel, Reino Unido e União Europeia, entre outros, anunciaram restrições a viajantes vindos da África do Sul e países vizinhos.

Na raiz do medo, o fato de a nova cepa ter cerca de 30 mutações na proteína spike, que é o alvo das vacinas para combater infecções pelo coronavírus. Em tese, essas metamorfoses poderiam ajudar a ômicron a driblar os imunizantes existentes e resultar em casos mais graves. Mas, de concreto, até agora, ainda pouco se sabe. Há apenas informações de médicos da África do Sul, onde a ômicron foi sequenciada pela primeira vez, de que seria mais transmissível. No entanto, ao menos de início, mostrava-se menos agressiva do que a delta. Nos casos detectados no país, relataram, os infectados estavam assintomáticos ou com sintomas leves semelhantes ao de uma gripe comum.

Quanto ao Brasil, até a última sexta-feira, havia seis casos confirmados de ômicron. Três em São Paulo, dois no Distrito Federal e um no Rio Grande do Sul. Cinco deles, de pessoas recém-chegadas da África do Sul. A outra, da Etiópia. Todas estavam isoladas e sob monitoramento de profissionais de secretarias regionais de Saúde. No geral, com sintomas semelhantes aos relatados pelos médicos sul-africanos. Contudo, diante do pânico e da escassez de informações sobre a real gravidade da ômicron, as festas oficiais de réveillon foram suspensas na maioria das capitais brasileiras — entre elas, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Vitória, Porto

Alegre, Florianópolis, Recife, Salvador, Macaé e Fortaleza. E, por enquanto, o carnaval, que prometia ser um dos mais animados da história, também subiu no telhado.

Por isso, no momento, a palavra de ordem é aguardar o desdobramento dos estudos sobre os impactos da variante. Para o virologista e pesquisador Bergmann Ribeiro, professor da Universidade de Brasília (UnB), o alto potencial de transmissão da nova cepa a fará ultrapassar os casos de infecções provocados pela delta, que é hoje a principal causa de contágios e mortes no planeta. “Não foi mostrado, até agora, que a ômicron pode ser mais grave ou não. Mas, provavelmente, não deve ser em quem já foi vacinado. Por isso, é importante as pessoas se vacinarem”, disse. Recomendou, ainda, que medidas como o uso de máscara e o distanciamento físico sejam mantidos.

No Brasil, até poucos dias atrás, cientistas alertavam para o risco de a delta desencadear quadro semelhante à quarta onda de pandemia que atormenta países da Europa e da Ásia. No entanto, ainda não há estudos que expliquem, de forma categórica, o fenômeno pela qual a variante descoberta na Índia não teve, até o momento, o mesmo impacto devastador no território nacional. Aliás, o tema, desta vez relacionado à África, foi levantado em carta publicada em rede social pelos escritores Mia Couto (moçambicano) e José Eduardo Agualusa (angolano).

No texto, Couto e Agualusa classificam como discriminação as restrições impostas aos países africanos. “No dia em que a Europa interditiou voos de e para Maputo, Moçambique tinha registrado cinco casos de infecção, zero internamento e zero mortes por covid-19. Nos restantes países da África Austral, a situação era semelhante. Em contrapartida, a maioria dos países europeus enfrentava uma dramática onda de novas infecções”, observaram. Na carta, eles estampam, ainda, o abismo da desigualdade, ao lembrar que, enquanto habitantes de países ricos já tomam a terceira dose, a maioria dos africanos não tomou sequer a primeira.



» Sr. Redator

Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

E-mail: sredat.df@dabr.com.br

PEC dos Precatórios

A PEC dos precatórios, digo, Precatórios, está aí para comprovar que, entra governo sai governo, planejamento não é o forte de nossos governantes. De forma reflexa à aprovação dessa PEC, é de se perguntar se os nobres parlamentares que afixam essa medida tivessem dívidas vultosas a receber de prováveis endividados perdoariam seus devedores ou entrariam de imediato na justiça contra os maus pagadores caloteiros salafarrários. Ou essa benevolência passa alhures a seus graus de consciência? Acolher os desprovidos, visando robustecer seus poderes políticos de forma descarada, é erigir o charlatanismo como bandeira política norteadora do país. Não como solução para extinguir nossa miséria. E aí não há como reclamar do grau de desconfiança no concerto das nações sobre nossa imagem como uma republiquetá. Essa é uma dívida grande porque o Brasil é grande, podem alegar os nobres parlamentares, mas também se pode alegar que os parlamentares é que são corpos estranhos ao país. Daqui a pouco os exemplos dos nobres parlamentares caloteiros serão modelos nos pendurates nos botecos, e o jargão correrá em todas as esquinas do país de que caloteiros existem em todo mundo, mas quase todos no Congresso Nacional. Para o CN, a miséria está em primeiro plano. Sem ela, não há como os parlamentares se reelegerem, objetivo maior.

» **Eduardo Pereira,**
Jardim Botânico

Tradição

A tradição agrícola brasileira tem muito a ver com a agricultura gaúcha. Essa cultura de raiz apresenta prós e contras. Prós quando se depara com a sua influência positiva. Isso quando se vê que a soja tropical veio para centro-norte pelas mãos dos gaúchos. Esse fato aconteceu também com a uva, trigo e com outras culturas. Contrás, pela própria índole dos meus conterrâneos que desbravam a terra sem cuidar daquilo que é importante: o meio ambiente. O Código Florestal estabelece que 30% das áreas agricultáveis devem ser preservadas. Isso nem sempre acontece no Brasil. A saída dos gaúchos de seu estado de origem deveu-se ao esgotamento de áreas agrícolas, o que os forçou a desbravar outras terras. O clima frio beneficia as terras gaúchas, ao proporcionar a formação de reservas nutricionais no descanso da cultura, o que acontece principalmente com o trigo e com a uva. No Brasil Tropical, no

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Depois de retalhar a Constituição, para abrir a porteira à corrupção, o Centrão quer fiação a PEC dos Precatórios para ficar com a maior parte do bolo.

Joaquim Honório — Asa Sul

Em período de tempestades, nada melhor do que Trovão longe da sociedade.

Renato Assunção — Asa Norte

Gente boa do Centrão, que tal tocar o projeto de lei que trata do imposto sobre grandes fortunas com a mesma disposição com que trata da PEC dos Precatórios?

Marcos Paulino — Águas Claras

ros aos votantes. É um tal de “toma lá dá cá”, “eu te ajudo, você me ajuda”. É um Deus nos acuda. A continuar desse jeito, com essa mesma turma, com essa forma irresponsável de lidar com a coisa pública, acredito, serão pelo menos 20 ou 30 anos sem conserto. Gerações não terão a oportunidade de curtir o, antes, tão falado país do futuro, que graças à mesma turma, por suas atitudes e ações, parece cada vez mais se distanciar. Mas o brasileiro é resiliente, não desanima fácil, cultiva a esperança. Então, vamos acreditar! Quem sabe, em 2022, possa ocorrer o início de um milagre. É claro, para isso, os céus precisam contar, certamente, com o apoio dos eleitores.

» **Vilmar Oliva de Salles**
Taguatinga

Crise sanitária

A CPI da Covid-19 cometeu alguns erros, mas, no geral, merece algum elogio. Só que a apuração não vai ter qualquer resultado prático. Os crimes apontados contra o presidente Jair Bolsonaro e os parlamentares estão no banho maria. O procurador-geral prometeu que cumpriria a Constituição e a lei tão logo recebesse o calhamaço de mais de mil páginas. Realmente, no prazo de 30 dias, ao recebê-lo, deu parecer sem indiciar ninguém e jogou a bomba no Supremo Tribunal Federal para apurar, ouvindo previamente os acusados. É nova apuração e, assim, a CPI foi apenas encenação e perda de tempo.

» **José Lineu de Freitas,**
Asa Sul



ANA DUBEUX

anadubeux.df@dabr.com.br

O que de nós morre com Giovanna?

Mais um soco no estômago, mais uma facada na alma, mais dias tentando sobreviver às histórias cruéis e às frias estatísticas. O feminicídio não é um crime que pune apenas assassinos em série — quando pune.

É uma chaga que expõe o tamanho do flagelo do machismo na sociedade. É uma pena que sujeita a parcela feminina que trabalha, luta, sustenta e cuida de famílias, grita por liberdade, apela por ajuda — e ainda assim permanece frágil e indefesa diante do homem agressor e assassino.

Uma moça de 20 anos, Giovanna Peters, foi degolada pelo sujeito — nem consigo chamar de namorado. Tanta vida pela frente, tantos sonhos interrompidos, mais uma família mutilada, mais uma ferida exposta. Só neste ano, 24 mulheres foram assassinadas no DF. Nos arredores, outro assassino matou a mulher grávida e sua filha no Entorno. Depois, ainda tirou a vida de um homem e tentou estuprar a mulher dele.

A dimensão dessas tragédias não pode e nem deve ser medida apenas pela régua dos números. Com tantas mulheres cruelmente assassinadas, morrem filhas e mães. Morrem a alegria, a força de trabalho, o futuro, a esperança. Com Giovanna e tantas outras, morre um tanto de nós mesmas e morre um bocadinho do Brasil que sonhamos.

É preciso ter consciência que cada um desses crimes foi precedido por sinais,

muitas vezes visíveis. Mulheres que não foram ouvidas, protegidas, socorridas. Mulheres que, em algum momento, perderam a percepção de que eram prisioneiras de uma relação calcada no machismo. As leis existem, mas elas não são suficientes para evitar as mortes.

Segundo o painel de monitoramento dos feminicídios no DF, 43% dos assassinatos foram cometidos com uso de arma branca, 26% com arma de fogo e 13% por asfixia. Em 73% dos casos, as mulheres foram mortas dentro de casa e, em 21%, as mortes aconteceram na rua, em praças e estacionamentos. Em relação à motivação, 47,8% das vítimas foram assassinadas por causa de ciúmes; 21%, devido ao término do relacionamento; e, em 30%, a causa não foi informada.

São números frios e tristes de uma tragédia sem trégua. É preciso uma rede consistente de prevenção e apoio, liderada pelo Estado e pela Justiça. Aos demais, cabe a escuta atenta, a mão firme para apoiar uma amiga ou parente que passe por alguma situação de risco.

Sozinhas, as famílias e as mulheres não têm condições de lidar com as ameaças de assassinos que, na maioria das vezes, estão dentro de casa. Se você assistir a cenas de violência, se perceber ou desconfiar que uma mulher está em perigo, interceda e denuncie, meta a colher e evite uma barbárie.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houver, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gigóñez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadosp@uigaiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalfj@uigaiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/ MG, Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 608 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/ RS, Tel.: (51) 3231-6267; E-mail: hmr@hrmmultimedia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Éxito Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C/2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiais e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 3,00 R\$ 5,00

ASSINATURAS *
SEG a DOM

R\$ 755,87

360 EDIÇÕES
(promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação e sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1532 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DA LOG

Agenciamento de Publicidade